

Os Braços da Lancha Poveira

José Peixoto

Faz 20 anos em Setembro que a lancha poveira “Fé em Deus” se fez pela primeira vez ao mar. Neste longo bolinar, a lancha do alto já conheceu mais de 50 tripulantes, alguns fizeram apenas uma viagem. Carlos Flores só não fez as três primeiras: La Guardia, Setúbal e Ribeira, na Ria de Arousa, Galiza. “O meu pai, conhecido por Ti Zé, esteve no bota-abaixo e passou a integrar a tripulação. Nessa altura, eu trabalhava na Córsega. Mas quando vim de vez, o meu pai levou-me para a lancha e nunca mais sai”.

Oriundo de uma família de pescadores, Carlos Flores nasceu em Aguçadoura, em 1965, e sempre se sentiu atraído pelo mar: “fugi muitas vezes da escola e do campo para ir com o meu avô à pesca. Acabei por ir trabalhar para a construção civil, mas como tinha o bichinho do mar, todos os fins-de-semana ia pescar”.

Para Carlos Flores o mar, mesmo quando parece um espelho, nunca mostra a cara que tem, e do riso ao susto é um instante. “Um dia fomos alar e

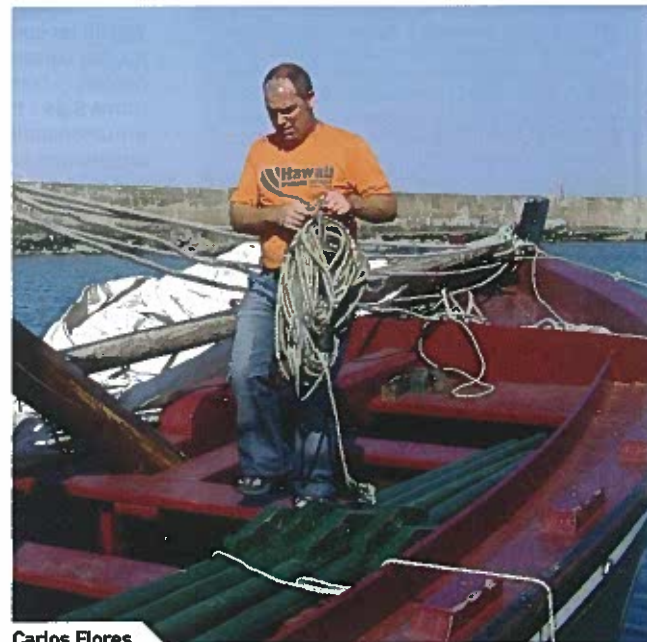
as redes pegaram no fundo. Veio uma vaga de mar e encheu o barco de água. Era já noite, éramos três e ninguém se podia mexer, o mínimo que fosse, senão o barco ia ao fundo. Eu estava à ré, peguei lentamente num balde e comecei a tirar a água para aliviar o susto. Foi bom ter passado por isso, porque começamos a ter mais cuidado”, concluiu.

Das muitas navegações que fez na lancha, Carlos Flores não esquece a viagem à Expo98: “aconteceu de tudo. Partimos a verga, o mastro, remos e o leme. Foram três dias de viagem até Lisboa. Da Póvoa até à Figueira da Foz, tudo normal. No dia seguinte, pouco antes de chegar a Peniche, partimos a verga. Ainda emendamos com dois remos, mas não aguentou e voltou a partir. Passou-se um mau bocado. Veio uma verga nova da Póvoa, que entrou na lancha em Peniche. Quando chegamos a Lisboa, toda a gente queria ver a lancha poveira. Estava tudo a correr bem, a lancha começou a bolinar mas acabou por ir até ao sequeiro, o leme bateu no fundo

e partiu. Teve que se fazer um leme novo. O mastro partiu no Tejo, quando a lancha participava na regata da Expo”.

A lancha poveira já navegou em mares franceses. Em 1996, participou na grande regata de Brest a Douarnenez. “Havia centenas de veleiros de todo o mundo. Durante a regata, um barco norueguês começou a apertar com a nossa lancha. Fomos um tempo lado a lado, os mastros chegaram a tocar-se e a lancha deixou muita gente de boca aberta”, recordou o marinheiro.

A lancha não tinha motor e era necessário meter lastro a bordo, o que provocou alguns dissabores, como explica Carlos Flores: “em Brest, estávamos a encher sacos de areia quando apareceu a polícia marítima e começou logo a escrever. O Manuel Lopes explicou-lhes o motivo e salvou-nos de uma multa. Levamos uns 30 sacos com mais de 20 quilos cada. O lastro tinha que ser feito consoante os ventos. Tínhamos que estar sempre a mudar os sacos de um lado para o outro. Desde que a lancha foi equipada com o mo-



Carlos Flores

tor nunca mais se pôs lastro. Mas bolinava melhor com o lastro. Os tripulantes também contam, chegamos a ser 17, ultimamente somos 10 ou 11. É menos peso na lancha para ajudar ao lastro”.

Carlos Flores acreditou sem-

pre que a lancha ia navegar por muitos anos: “vai fazer 20 anos e viverá outros tantos, basta que a gente queira. É um prazer ver a lancha beijar o mar. Pela lancha abandono tudo. Não consigo desligar daquele barco, é uma coisa inexplicável”.